

# AS PRÁTICAS CULTURAIS POPULARES E A SUA TRANSFORMAÇÃO NO CONTEXTO URBANO: UM OLHAR SOBRE AS FESTAS JUNINAS EM BELO HORIZONTE

Clotildes Avellar Teixeira

[cloavellar@gmail.com](mailto:cloavellar@gmail.com)

<http://orcid.org/0000-0002-7082-3251>

## Resumo

Por meio de um olhar específico sobre as festas juninas de Belo Horizonte este artigo busca discutir o processo de formação das festas populares urbanas e a sua relação com as políticas de valorização dos bens culturais atrelada à promoção turística. Um contributo para a reflexão sobre a história de Belo Horizonte e a dinâmica cultural das tradições populares nos grandes centros urbanos contemporâneos com foco no contexto de criação do antigo *Arraial de Belô* e o concurso dos grupos de quadrilhas. Numa análise da criação do evento que evidencia a relação de consumo de produtos culturais, buscou-se na memória da festa, um pouco da história da capital mineira. Privilegiando as leituras possíveis a partir dos vários discursos criados sobre a polissemia de uma cidade viva e em constante movimento, esta análise das festas juninas e a sua transformação ao longo dos anos toma como base a relação dos grupos sociais envolvidos com o espaço coletivo e o lugar das tradições populares no contexto urbano.

**Palavras Chave:** Cidade; Cultura, Festa, Tradição Cultural.

## Abstract

Through a specific look at the June festivities in Belo Horizonte, this article seeks to discuss the formation process of popular urban festivities and their relationship with the policies for valuing cultural goods linked to tourism promotion. A contribution to the reflection on the history of Belo Horizonte and the cultural dynamics of popular traditions in large contemporary urban centers with a focus on the context of creation of the old *Arraial de Belô* and the competition of gang groups. In an analysis of the creation of the event that highlights the relationship of consumption of cultural products, we sought in the memory of the party, a little of the history of the capital of Minas Gerais. Privileging the possible readings from the various discourses created on the polysemy of a living and constantly moving city, this analysis of the June festivities and their transformation over the years is based on the relationship of the social groups involved with the collective space and the place of popular traditions in the urban context

**Keywords:** City; Culture, Party, Cultural Tradition

*Com a filha de João, Antonio ia se casar  
mas Pedro fugiu com a noiva  
na hora de ir pro altar  
A fogueira estava queimando,  
o balão estava subindo,  
Antonio estava chorando  
e Pedro estava sorrindo*

*E no fim da história,  
ao apagar-se a fogueira  
João consolava Antonio,  
que caiu na bebedeira...<sup>1</sup>*

## **Introdução**

No intuito de apreender a realidade histórica da cidade, este artigo apresenta uma reflexão sobre o movimento que impulsionou as transformações da festa junina em Belo Horizonte, para além do processo natural de intercâmbios e apropriações culturais. Tomando como base a concepção de objeto da História descrita por Marc Bloch na discussão do ofício do historiador e que Le Goff chamou de caráter humano da história: *as pessoas e suas práticas culturais*, o olhar que aqui foi estendido sobre a festa buscou na compreensão do seu processo de mutação, um contributo para a escrita da história da cidade.

Conforme nos disse o autor, *são os homens que a história quer capturar* (BLOCH, 2002, p. 159). Os homens com suas crenças, seus sentimentos e suas atitudes constituídos em agentes transformadores da história, impulsionados por diferentes motivos e interesses, pessoais ou coletivos. São eles que criam, desenvolvem e transformam as práticas culturais, expondo conflitos e tensões que muito tem a dizer sobre a história de um grupo, de uma comunidade, de uma cidade ou de um país num processo de constante movimento.

Como práticas culturais incluídas no conjunto dos modos de vida das pessoas e eminentemente simbólicas, as festas populares revelam-se como *textos a serem lidos, e decifrados* (GEERTZ, 2008, p. 20), documentos inscritos na memória coletiva dos grupos sociais. Criadas a partir da necessidade do encontro, da diversão ou da afirmação de um espaço de sociabilidade, sejam elas sagradas ou profanas, às vezes ritualísticas, são parte do dia a dia das pessoas e, conforme definiu Guarinello (2001), apresentam-se como:

... uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes numa esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência

---

<sup>1</sup> Pedro, Antonio e João: canção composta por Benedito Lacerda e Oswaldo Santiago e gravada por Dalva de Oliveira e Herivelto Martins em 1939, uma das músicas mais tocadas até hoje durante as festas juninas.

das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (Guarinello, 2001, Pag.972)

Nessa perspectiva, podem ser percebidas como ocasiões privilegiadas de significados específicos, fontes importantes para a investigação histórica pela observação do movimento pelo qual se dá a sua re-elaboração, a re-significação ou a transformação. Parte deste conjunto, as populares festas juninas foram aqui observadas no que diz respeito a uma transformação que ultrapassa a dinâmica própria da cultura e inclui neste processo o papel das políticas públicas de cultura e de turismo na criação de um grande evento voltado para elas e associado aos interesses de promoção turística na capital mineira.

A festa junina, descrita pelos folcloristas como uma antiga tradição surgida na Europa no período anterior ao cristianismo e associada ao trabalho agrícola, foi trazida para o Brasil pelos portugueses durante o processo de colonização e se tornou, com o passar dos séculos numa das comemorações mais importantes do calendário das festas católicas brasileiras, em especial na região nordeste do país onde a maior parte delas é dedicada à São João. Câmara Cascudo (1969) apresenta as festas juninas brasileiras como *recriações de outras festividades européias* tipicamente familiares e eventualmente comunitárias, *permeadas por aspectos religiosos e míticos*. Festividades assimilada pelos habitantes locais desde o início da colonização segundo o Padre jesuíta português Fernão Cardim (1583) que a descreve como uma das preferidas dos indígenas, dada a sua relação com as brincadeiras ao redor de uma fogueira, algumas mantidas ainda hoje em diversas regiões brasileiras, entre elas a prática de atravessar o braseiro com os pés descalços e o salto sobre as chamas.

Tais brincadeiras, a dança, os jogos e os outros elementos simbólicos das festas juninas como a culinária, a encenação do casamento e a gravidez da noiva, estes associados à colheita e à fartura, sempre fizeram muito sucesso entre os participantes durante o período de realização da festa. Neles, a crítica social aparece carregada de humor, sobretudo durante a encenação da cerimônia do casamento na qual os valores morais podem ser identificados tanto na criação quanto na representação dos personagens. O teatro faz-se acompanhar da dança e depois do casamento são apresentadas as quadrilhas, recriadas a partir de uma antiga dança de salão cuja função era abrir as seqüências das

danças nos bailes imperiais. Atualmente a dança da quadrilha configura-se na grande estrela das festas juninas embora não tenha sido sempre assim. Executada nos salões de baile das cortes européias ela foi introduzida no Brasil no século XIX pela Corte Imperial Portuguesa e na sequencia apropriada pela população local sendo adaptada às festas juninas sem deixar de lado alguns termos afrancesados como o “anarriê” (para trás) que se juntaram ao “olha cobra” e o “é mentira”, bastante brasileiros. A dança da quadrilha se realiza sempre após a encenação do casamento em comemoração à cerimônia cjos bailarinos são os convidados, os familiares e os próprios noivos que executam os passos coreografados.

As festas juninas estão presentes em todo o território brasileiro e espalhadas pelas cinco regiões. Elas fazem parte do repertório cultural brasileiro e estão incorporadas aos modos de vida da população. Marcadas por aspectos comuns trazem invariavelmente algumas diferenças regionais que se apresentam explícitas nos textos, nos figurinos, na representação dos personagens da encenação, nas coreografias e nas roupas dos bailarinos especialmente criadas para a festa, reveladoras do universo simbólico relacionado aos valores morais e religiosos de cada uma

Em Belo Horizonte, as festas em homenagem às divindades católicas Santo Antônio, São João e São Pedro e celebradas no mês de junho, apresentam características específicas transmitidas de geração em geração ao longo de décadas e mantidas pela memória viva guardada no interior dos grupos sociais responsáveis pela sua realização. Nos últimos 40 anos, a partir da criação de um grande evento turístico associado a elas passaram por um interessante e revelador processo de mutação.

Nascido no final da década de 1970 e inicialmente denominado *Forró de Belô*, conforme as informações divulgadas na época<sup>2</sup> *O Arraial de Belô*, foi inicialmente apresentado à população como um evento que tinha como objetivo recuperar as “raízes” do povo mineiro. Era, na verdade, uma proposta de reeditar as tradicionais comemorações coletivas realizadas todos os anos, no mês de junho na grande maioria dos municípios do Estado de Minas Gerais em homenagem aos santos católicos. Uma posicionamento diante da realização de festas nos espaço coletivo que desconsiderou a realização de celebrações deste tipo na moderna capital mineira. Tratava-se de uma alusão à suposta identidade

---

<sup>2</sup> Estado de Minas – 10/06/79

perdida pelos habitantes da jovem cidade planejada que teriam abandonado as suas referências culturais mais tradicionais. O mote para a criação do *Forró de Belô*, para além da nostalgia de um tempo e um espaço que *já não existiam mais*, como justificavam os seus idealizadores, tinha como base referências culturais reinventadas ou re-significadas a partir da imagem de um homem do campo idealizado ou estereotipado que não teria tido lugar na jovem e moderna Belo Horizonte. Mas as pessoas quando mudam a sua localização geográfica e passam habitar centros urbanos modernos, dentro de uma nova concepção de espaço e lugar não carregam consigo as suas referências culturais?

### **A festa na cidade**

Para entender os propósitos de realização e o contexto de criação do antigo *Arraial de Belô*, hoje *Arraial de Belo Horizonte* faz-se necessário empreender uma breve incursão no processo de formação da capital planejada que nasceu no papel, desenhada na proposta de uma Comissão Construtora. Erguida aos pés da Serra do Curral no final do século XIX a capital mineira recebeu uma grande diversidade de referências culturais desde o início da sua construção entre elas o jeito de comemorar as festas juninas, tradição das cidades do interior de Minas Gerais e do Brasil desde a época colonial. Logo após a inauguração, Belo Horizonte já começou a crescer e receber novos moradores. Alcançou o auge do seu crescimento populacional nos anos 70 do século XX, período no qual o Brasil registrou, pela primeira vez, uma população urbana superior à rural (LOBO; CARDOSO E MATOS, 2008), considerando a criação das regiões metropolitanas nas capitais do país.

De fato, a jovem cidade experimentou, desde o seu nascimento, um crescimento contínuo explicado em parte, pela política imigracionista do governo do Estado de Minas Gerais, que desde o início da construção incentivou a vinda famílias oriundas do interior, de outros estados e até mesmo de fora do país para povoar a região escolhida para a nova cidade. Isso mais tarde, comprovadamente vai gerar muitos problemas, em especial no que diz respeito às regiões periféricas que se desenvolveram no entorno do desenho planejado antes da construção. Muita coisa foi esquecida ou desconsiderada quando se pensou em promover o rápido crescimento da população urbana, entre elas as referências culturais daqueles que chegaram e a sua transformação dentro da nova realidade social, espacial e cultural.

Há quem diga que em cidades fundadas a relativamente pouco tempo, em especial àquelas criadas e planejadas, as memórias se estão associadas quase sempre às referências trazidas de fora, vindas “de experiências vividas em outras partes e dos modelos expressivos disponíveis”.<sup>3</sup> Uma cidade assim, portanto, não daria aos seus moradores o direito a uma tradição própria. E é bem verdade que na Belo Horizonte dos primeiros anos, o apelo maior para a realização de festas populares e criação de eventos foram sempre referenciadas nas chamadas “tradições do interior”. No caso do *Arraial de Belô*, é interessante notar que, muito tempo depois, no ano de 1997 - 100 anos após a inauguração da cidade, as bandeirolas criadas para enfeitar a Praça da Estação durante “festa do centenário” ainda faziam alusão a esta ideia. Traziam no seu corpo colorido o slogan: *A melhor festa junina é no interior. No interior da capital*, ou seja, tratava-se de uma chamada para ver e participar das *melhores tradições do povo mineiro* reproduzidas no centro da *capital do século*, conforme dizia o material publicitário produzido para a festa.

Realmente, estudos apontam que a capital mineira nunca foi verdadeiramente *o destino preferencial dos migrantes de outros Estados: ela atraía, de fato, aqueles que se deslocavam do interior de Minas Gerais* (BRITO, 2005). De todo modo, importa destacar que a população da cidade foi formada basicamente por famílias e grupos sociais oriundos de outras regiões, de outros lugares com identidades e culturas próprias. Além daqueles que vieram habitar a nova cidade logo após a inauguração e se instalaram na área urbana, outros grupos chegaram nos anos seguintes. Buscando espaço, foram se dividindo pelas zonas mais periféricas, passando a ocupar terrenos de antigas fazendas que foram transformadas em loteamentos, criando lugares e originando novos bairros na cidade. A distância do centro da cidade aproximou estes grupos pela convivência cotidiana e contribuiu para o surgimento de uma rede solidária composta pelos novos moradores, formados por famílias vindas de uma mesma região, colegas de trabalho ou mesmo vizinhos próximos oriundos de lugares diferentes do interior do estado, e que tinha como elo, os laços de amizade. Essa rede foi responsável por criar no lugar, espaços de diversão ou celebração religiosa nos moldes daquelas pertencentes aos seus locais de origem e que haviam ficado distantes no espaço e no tempo.

---

<sup>3</sup> SANTOS, Carlos Nelson. A cidade como um jogo de cartas. 1998

Ainda que Belo Horizonte tenha sido uma capital construída a partir de uma demanda política e que seus habitantes tenham vindo em massa de outras regiões isso não quer dizer que eles deixaram de lado os seus vínculos identitários e nem que não tivessem procurado reproduzir na nova cidade as suas antigas celebrações, seus festejos, seus rituais e suas formas de expressão. Ao contrário, eles trouxeram tudo consigo: *seus modos de vida e os seus jeitos de ser* que foram sendo livremente adaptados no novo lugar a partir de uma realidade possível: a realidade encontrada.

E neste contexto as crenças e religiões tiveram um papel de destaque. Foi a preocupação com a fé e com a diversão que inicialmente impulsionou, nos novos bairros da cidade, o surgimento de grupos empenhados na construção de igrejas, formação de corais, grupos de quadrilha e blocos de carnaval e das primeiras bandas de música para animar os momentos festivos (TEIXEIRA,2008). No período junino, na maioria das paróquias da cidade o fiéis se empenhavam nas comemorações em homenagem aos santos que incluíam uma grande variedade de ações, numa programação intensa que envolvia a todos: jovens adultos, crianças, famílias, comerciantes e outras instituições locais convocadas a ajudar.

Talvez a maior atração do período das festas juninas durante este tempo tenham sido as quermesses<sup>4</sup> com as suas famosas *barraquinhas* que eram organizadas pelas paróquias dos bairros, com a ajuda dos fiéis e tinham como objetivo angariar fundos para as obras sociais da Igreja. Nelas eram realizadas brincadeiras e jogos, mediante o pagamento de uma fichas que autorizavam a participação e vendidos alimentos e bebidas dentro da proposta de geração de renda. Elas ainda funcionavam como ponto de encontro, espaço de diversão e reforço dos laços de sociabilidade da comunidade durante o período de quatro semanas ou mais pois às vezes adentravam também o mês de julho. É certo que havia sempre um grande comprometimento de todos os envolvidos entretanto, cabia aos mais jovens, na maior parte das vezes, a responsabilidade pela organização da encenação

---

<sup>4</sup> Uma quermesse é um tipo de festa realizada geralmente no pátio externo de uma igreja. Tem barracas que vendem bebidas e comidas. Geralmente também há nelas barracas de jogos como os de atirar argolas ou bolas que, acertadas no alvo, proporcionam prendas ou prêmios aos vencedores. Há também sorteios, e geralmente as festas têm fim beneficente. Atualmente, quase todas as quermesses no Brasil se realizam no mês de junho, por motivo das festas juninas. Esse tipo de festa teve origem nos Países Baixos, durante a Idade Média. O nome “quermesse” vem da expressão *kerkmisse*, do antigo holandês (*kerk* é “igreja”, e *misse*, “missa”). A realização da festa mais antiga desse tipo de que se tem notícia data de 1370. A quermesse se realizava uma vez por ano e comemorava o santo padroeiro da igreja. Assim, cada igreja fazia sua quermesse numa data diferente, dependendo do dia da comemoração de seu santo.

<https://escola.britannica.com.br/artigo/quermesse/483491>. Acesso 16.12.2020

do casamento seguida pela apresentação da quadrilha, um trabalho que exigia muita dedicação por se tratar de um conjunto de atividades iniciado até três meses antes da festa. Incluía reuniões de planejamento, criação de textos, figurinos, coreografias e ensaios diferenciados para a festa de um e outro santo. Como parte das comemorações religiosas, a quermesse com as tais barraquinhas podia durar por todo o mês de junho, ocupando, nos fins de semana, o adro de uma igreja, uma rua ou uma praça do bairro com muita música, dança, brincadeiras e comidas típicas.

Essa relação com as paróquias entretanto foi deixando de existir aos poucos e, com o passar dos anos, os próprios grupos de familiares ou vizinhos começaram a se lançar na aventura de organização de festas próprias. Nasceram assim o primeiros grupos organizados de dançarinos de quadrilha da capital mineira.

... antigamente essa rua era muito parada. Aí a gente falou assim: “vamos fazer alguma coisa para animar a rua... ah! Vamos fazer uma quadrilha?” Fizemos uma quadrilha no início pobrezinha, tadinha, com umas barraquinhas feias... Mas deu certo. A cada ano foi inovando, fomos tendo ajuda de muita gente, dos moradores principalmente, aí foi crescendo...<sup>5</sup>

O ponto alto da festa era sempre o espetáculo encenado do *casamento da roça* seguido pela apresentação da quadrilha, ambos exaustivamente ensaiados pelos grupos de bailarinos com muita seriedade, dedicação e, sobretudo, muita diversão. Eram noites e noites a fio, dedicadas aos ensaios durante as semanas que antecederiam a festa. Este sempre era um momento muito esperado durante todo o ano, tanto pelos adultos, quanto pelos jovens e crianças que habitavam aquele pedaço da cidade (uma mesma rua ou o mesmo conjunto de ruas próximas à uma paróquia). Num esforço conjunto a vizinhança se reunia empenhada na logística e na produção de cada uma das etapas para a realização da festa. Trabalho grande, executado de forma coletiva e solidária.

Segundo relato dos próprios participantes, a administração geral e a distribuição de tarefas que incluíam os ensaios e a apresentação da quadrilha podiam tanto ficar a cargo de uma só família durante anos como podiam também assumir a forma de rodízio entre grupos de vizinhos e parentes que se revezavam anualmente na liderança da organização. Os

---

<sup>5</sup> Entrevista com Maria Regina Dias, quadrilha Pé de Cana, 05 de junho de 2001

ensaios aconteciam nos mais variados locais, todos públicos: quadras, lotes vagos, na maioria das vezes, na própria rua.

### **A festa transformada em evento**

Se por um lado, conforme já foi dito, a festa junina em Belo Horizonte tenha surgido embasada pelas redes de solidariedade presentes nos grupos sociais, por outro, o seu desenvolvimento no contexto urbano e a criação do *Forró de Belô* diz respeito aos vários usos da cultura determinados por motivações políticas e econômicas e, mais precisamente nesse final de século XX, na utilização da cultura como recurso que, conforme nos mostra Yúdice (2004), *retirou* ou *absorveu* alguns conceitos a ela conferidos anteriormente pois, de acordo com ele, nos últimos tempos a percepção da cultura como investimento e a sua utilização como atração para o desenvolvimento econômico e turístico *atuando como mola propulsora das indústrias culturais* (YUDICE,2004.p.16), elimina, neste processo as distinções equaliza a noção de cultura e do fazer cultural.

Basta dizer que não é novidade para ninguém desde aquela época, essa visão da transformação das festas tradicionais em grandes eventos. Uma intervenção inserida gradativamente por várias cidades do país e não só no que diz respeito às festas juninas, mas às festas tradicionais em geral sejam elas de origem européia, indígena ou negra, religiosas ou pagãs, apropriadas pela população brasileira que foram sendo adaptadas à espetacularização como uma tendência a ser seguida e que não se configura em uma especificidade local. Trata-se de um fenômeno mundial, como meio para atender às estratégias de políticas voltadas para o turismo, geração de emprego e criação de novos hábitos de consumo seguindo uma ordem da atual sociedade global que é o consumo de tudo, de todos os tipos de produtos, idéias e imagens, da forma mais rápida possível. Conforme disse Yúdice,

Rituais, práticas estéticas do dia a dia, tais como canções, lendas populares, culinária, costumes e outras práticas simbólicas, também são mobilizadas como recursos para o turismo e para a promoção das indústrias que exploram o patrimônio cultural. (Yúdice, 2004. Pag.16)

O mesmo autor, entretanto, alerta para o entendimento que a cultura como recurso extrapola a noção de mercadoria e se encontra associada ao surgimento de uma nova

estrutura, da qual ela seria o eixo, na perspectiva ideológica da sociedade disciplinar de Foucault, com normas impostas às instituições, e absorvidas por uma racionalidade econômica ou ecológica tornando prioritários *o gerenciamento, a conservação, o acesso, a distribuição e o investimento em cultura e os seus resultados*. (YÚDICE, 2004) Seria este um novo modelo vivido na atualidade no qual a festa vira espetáculo, produto da indústria do entretenimento, do lazer e do turismo criado, ou mesmo apropriado com vistas a este mercado de consumo? Teixeira Coelho, ao tratar da espetacularização do ciclo junino do nordeste brasileiro destacou como instrumento principal dessa mudança a atuação dos veículos de comunicação de massa, segundo ele, capazes de induzir a população a um consumo passivo que substitui a participação dada pela criação, envolvimento, produção e observação. Melhor dizendo, neste formato, podem deixar de existir os ajuntamentos e as reuniões espontâneas de pequenas comunidades durante as suas celebrações e práticas culturais que incluem a festa, agora apropriada pelo comércio de bens culturais que exige muito mais profissionalização e investimento dos vários setores envolvidos nesse processo que substituiu os espaços de sociabilidade e troca de experiências pelo consumo passivo dos novos expectadores.

Conseqüentemente, vale notar que na medida em que a produção de bens culturais se mostra diretamente associada aos processos de distribuição e reprodução, numa analogia ao caso da reprodutibilidade técnica da obra de arte (BENJAMIN, 1994)<sup>6</sup> possibilitada com os avanços tecnológicos consolidados na atualidade, a lógica do mercado capitalista faz do produto cultural, desde o momento da sua concepção, um produto especialmente pensado para o mercado consumidor. Podemos tomar como referência a discussão acerca da estetização da política e da guerra, transformadas em obras de arte pela propaganda e pelos grandes espetáculos de massa, nos quais jogos, paradas militares, danças, ginástica, discursos políticos e música formavam um conjunto ou uma totalidade visando a tocar fundo nas emoções e paixões mais primitivas da sociedade, conforme mostrou o autor. Uma perspectiva que mostra a reprodutibilidade técnica das artes a serviço da propaganda de mobilização totalitária das classes sociais em torno da figura do grande líder enquanto no caso das festas e a sua espetacularização, essa reprodução que visa transformar os bens

---

<sup>6</sup> Uma reflexão que aponta para novas formas de encarar a arte, tanto do ponto de vista do espectador, quanto do criador num processo de revisionismo tanto do valor da obra quanto do seu significado.

culturais em produtos a serem consumidos parte da justificativa do lucro propiciado pela economia capitalista por meio da geração de renda por meio do turismo. Dessa maneira, mesmo o processo criativo, essencialmente definido pela especificidade cultural, se realiza motivado pela intenção de colocar produtos em circulação num mercado consumidor desvirtuando a função essencialmente social das expressões, saberes e celebrações culturais que é a produção de sentido, onde o seu valor simbólico é determinado no âmbito das práticas culturais e precedem o seu valor econômico.

Por outro lado, é importante ponderar, todavia sobre o fato de que ao longo da história tornou-se comum as sociedades apropriarem-se de seus mitos para na intenção de justificar uma idéia cujo fortalecimento se apresenta como importante num determinado momento. Foi assim que mitos e símbolos foram diversas vezes apropriados e utilizados intencionalmente a serviço do que se queria fazer acreditar. Tradições que foram criadas ou inventadas como mostra Hobsbawm(1984) e que necessitam ser estudadas adequadamente para revelar *o processo exato* de criação de complexos simbólicos e rituais ainda que seja a partir da análise ampla que o conceito permite, pois segundo o autor, por tradição inventada entende-se:

um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado. (Hobsbawm, 1984, Pag.9)

Sim, podemos e devemos pensar a festa junina e o *Arraial de Belô* a partir dessa perspectiva, observando as mudanças e descontinuidades pelas quais elas passaram no decorrer deste período de 40 anos. Entretanto, há de se considerar também o deslocamento do sentido da festa no contexto urbano da jovem capital mineira revelando a criação de normas reguladoras que definem uma tradição inventada a serviço dos interesses de uma administração pública que ultrapassa a questão econômica associada à criação de produtos culturais voltados para o mercado turístico. Importa perceber o quão importante pareceu ser a necessidade de regulação das festas no espaço da cidade, presente durante todo o processo.

A novidade dessa invenção de festividades públicas associadas às práticas culturais em Belo Horizonte foi sempre o discurso assumido pelo governo da época e amplamente divulgado como um chamado para incentivar a participação popular numa festa *criada para eles* para recuperar uma memória afetiva dos modos de vida antigos, associados ao meio rural, estranhos aos hábitos da cidade moderna, jovem e urbanizada. Uma festa pronta, oferecida à população, ainda tenha tido como base de criação as próprias práticas culturais dos grupos sociais formadores da população belo-horizontina. Desde o início, o *Arraial de Belô* foi divulgado como um evento realizado para toda a população por um governo interessado em privilegiar a participação de todos. Importante notar que essa participação era convocada para uma festa regulamentada e disciplinada, realizada em espaços escolhidos, direcionando a participação popular para os locais menos nobres da capital e dentro de uma ideia de cidade onde a elite não se permitia incomodar, reforçando a ideia de exclusão, já explícita no traçado planejado da sua construção<sup>7</sup>.

A transformação da festa junina em um grande evento tentou manter aquele antigo sistema de doações que antes estava associado à igreja católica e às paróquias dos bairros. Nas primeiras edições do então chamado *Forró de Belô* realizado na Praça da Estação essa arrecadação passou a ser de alimentos não perecíveis para serem repassados a instituições. As antigas barraquinhas, também mantidas foram transformadas em pontos comerciais explorados por ambulantes da cidade na comercialização produtos típicos das festividades juninas como o quentão, a canjica e os caldos quentes. Criou-se um grande concurso de dança para os Grupos de Quadrilha que passaram a receber apoios por parte da administração pública desde que devidamente institucionalizados e registrados. Criou-se a Associação Mineira de Quadrilheiros e os antigos grupos de dança começaram então a ser constituídos à medida para o evento, extrapolando as comemorações religiosas e mesmo aquelas não associadas à igreja, realizadas pela própria comunidade nas casas, nas ruas, clubes ou escolas apenas com o objetivo da diversão ou mesmo para outro tipo de comemoração como aniversários como foi o caso do grupo vencedor de vários concursos, o *Feijão Queimado* fundado a partir de uma festa de aniversário conforme conta Carlos Leite, líder do grupo:

---

<sup>7</sup> A cidade planejada na prancheta se propunha a ser ordenada, com espaços divididos e nomeados de forma a excluir aqueles que não haviam sido convidados para povoar a cidade. Uma cidade que já nasceu elitizada e com espaços definidos, pensados para não serem compartilhados.

... a Quadrilha do Feijão Queimado ela começou em 1980 com uma brincadeira de criança, foi até a minha irmã mais velha, Lúcia, comemorando o aniversário de sua filha e na época, o marido dela tinha um barzinho, então se reuniu ali, primeiramente os familiares, para se brincar uma quadrilha em comemoração ao aniversário, o primeiro a aniversário da filha dela. E dali então, a coisa tomou gosto, não é, várias pessoas começaram a gostar da brincadeira, tal, o, a quantidade de pessoas foram crescendo, o lugar se tornou um pouco pequeno para um número de pessoas e nós então passamos para a rua.<sup>8</sup>

O evento que centralizou a festa junina em Belo Horizonte foi criado em 1979 e a partir de então modificou a relação dos belo-horizontinos com a festa junina na medida em que modificou o objetivo da festa e deslocou o olhar dos participantes para um grande espetáculo de quadrilha proporcionado pela invenção de um concurso entre os grupos de dançarinos. O mote da realização da festa passou a ser exclusivamente a competição entre os grupos o que levou à criação de regras internas e um maior comprometimento dos mesmo no que diz respeito à sua profissionalização transformando-se em companhias de dança ou associações com o passar do tempo.

O maior risco dessa transformação sempre será a padronização desse espetáculo, ditada pelos interesses dos consumidores e a competitividade quando o bem cultural passa de um valor de uso em um contexto específico e territorialmente bem delimitado, a adquirir um valor de intercâmbio mercantil conforme aponta Canclini (1997), ao analisar o processo de incorporação capitalista do patrimônio cultural. Essas novas formas de se produzir cultura e patrimônio cultural que são geradas, a festivalização, a espetacularização e a souvenirização estão presentes nessa relação de consumo de produtos culturais que foi estabelecida em Belo Horizonte a partir da criação do evento junino e a crescente profissionalização dos envolvidos.

Vale destacar que no caso do Arraial de Belô, porém, mesmo com todas as regras que foram impostas, o intercâmbio dado pelo confronto das apresentações e a dinâmica do mercado consumidor foram capazes de incentivar a criatividade dos grupos que a cada ano buscam inovar as suas apresentações. Ainda que tenha sido uma visão capitalista e conservadora que impulsionou a criação dos eventos e condicionou a festa junina como *autêntica* manifestação da cultura popular rural a profissionalização dos grupos e a nova

---

<sup>8</sup> Entrevista com Carlos Roberto Coelho, do grupo feijão Queimado, em 19/06/2001

concepção artística das apresentações estabeleceu uma outra relação com os produtos que começaram a ser gerados a partir da criação do evento. A ameaça da homogeneização dada pela associação do bem cultural ao mercado capitalista, no caso das quadrilhas é questionável porque essa incorporação de outros significados e funções às apresentações dos grupos de dança levou-os para um outro lugar: o lugar da criação artística que pouco ou quase nada tem a ver com as antigas festas apesar de utilizar-se dos seus símbolos e rituais para conceber a cada ano uma nova apresentação dentro das regras entendidas como definidoras das verdadeiras práticas culturais.

Conforme dito anteriormente, as festas populares são práticas culturais coletivas que se encontram em movimento permanente dadas as reinvenções e adaptações às quais estão sujeitas a partir dos intercâmbios culturais ocorridos pelo contato entre grupos sociais e/ou populações. Construídas e/ou renovadas, apresentam-se, ao longo da história, como elemento formador da identidade cultural de comunidades por meio do qual são alicerçados os vínculos com a memória e o património cultural. Constituem-se, portanto, em bens culturais chamados imateriais, as expressões dos *modos de fazer e de viver* humanos, e por isso necessitam de proteção por meio de instrumentos de recolha, guarda e difusão de informações importantes no intuito de preservar a sua memória e às vezes até mesmo garantir a sua realização.

A criação de um grande evento junino em Belo Horizonte, voltado para o mercado turístico, em certa medida poderia até ser compreendida como uma ação de proteção ao património cultural desde que considerasse a importância desta festa para a comunidade local, mantivesse o seu sentido e garantisse a sua realização conforme o interesse dos grupos sociais envolvidos, contribuindo para a sua salvaguarda. Entretanto não foi isso o que aconteceu. O evento, hoje denominado *Arraial de Belo Horizonte*, existe e é um sucesso<sup>9</sup>, mas muito pouco contribui para a salvaguarda das práticas culturais por se apropriar delas e transformar os seus objetivos. Todavia, é possível observar que as próprias comunidades e grupos sociais tem se ocupado dessa tarefa. As festas juninas dos bairros passaram a se multiplicar a partir da segunda década do século XXI na capital

---

<sup>9</sup> O jornal Estado de Minas do dia 12/07/2019 noticiou: “O Arraial de Belo Horizonte 2019, que terminou no último fim de semana, reuniu cerca de 100 mil pessoas na Praça da Estação, Centro da capital, e conquistou a aprovação do público, segundo a pesquisa de satisfação realizada pela Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte (Belotur)... (...)... Durante cinco dias (a festa no local começou em 28 de junho), o tablado montado na Praça da Estação recebeu apresentações de 40 grupos de quadrilha.”

mineira ocupando quadras, escolas, algumas ruas e praças nas regiões mais periféricas com base no mesmo sentido e dentro dos mesmos objetivos, transformadas apenas pela dinâmica cultural o que reforça concepção de que uma prática cultural, um bem cultural, em suma, o patrimônio cultural somente tem importância ou permanece vivo se ainda continuar fazendo sentido para uma comunidade ou um grupo social.

A noção de patrimônio cultural aqui utilizada, é a noção de patrimônio cultural móvel, construído e modificado conforme as referências do seu tempo e por isso passível de transformações a partir das relações humanas. Concepção mais utilizada a partir das discussões estabelecidas sobre o processo de globalização surgido com o avanço das tecnologias da informação que, paradoxalmente, determinou o fortalecimento das identidades locais e à importância da proteção da diversidade das expressões culturais (Miranda,2000). Referencia-se também na teoria benjaminiana a partir do reconhecimento da existência de uma narrativa permanentemente condicionada ao intercâmbio de experiências na qual a tradição e a oralidade são compreendidas como vivências coletivas. É a relação que cada sociedade estabelece com essas narrativas e o valor atribuído a elas que vai gerar a necessidade de salvaguardar bens culturais.

No caso das festas juninas, sabemos que elas ocupam um espaço privilegiado entre as práticas tradicionais da cultura portuguesa e brasileira e, apesar da particularidade dos significados que variam de região para região elas têm sido, desde sempre, um fator constitutivo de relações e modos de ação e comportamento, e constituem-se numa das linguagens favoritas da população.

### **Referencias**

GUARINELLO, Norberto. **Festa, trabalho e cotidiano**. 2001

BARRETO, Luiz Antônio. **Um novo entendimento do folclore e outras abordagens culturais**. Sergipe: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994. 259p.

BENJAMIN, Walter O Narrador. In. **Obras escolhidas**. Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994

BLOCH, Marc. **Apologia da História: Ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRITO, Fausto; SOUZA, Joseane de. **Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza.** São Paulo Perspec., São Paulo, v. 19, n. 4, p. 48-63, Dec. 2005. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-)

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil: pesquisas e notas.** Brasil/Lisboa: Fundo de Cultura, 1969.

CANCLINI, Nestor Garça. (1997) **Culturas urbanas de fin de siglo: la mirada antropológica.** RICS, n153

CARDOSO, Leandro, LOBO, Carlos e MATOS, Ralf. **Mobilidade pendular e centralidade espacial da Região Metropolitana de Belo Horizonte.** Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu-MG –Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008

COELHO, Teixeira. **Dicionário de Política Cultural.** Fapesp; Iluminuras: São Paulo, 1997.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9–23.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas,** Zahar:. Rio de Janeiro, 1978.

GOFF, Jacques Le e NORA, Pierre. **História: novas abordagens.** Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1995.

MIRANDA, Antônio. **Conteúdos e identidade cultural na sociedade da informação: visão brasileira. Programa Sociedade da informação.** SOCINFO/MCT. Brasília.2000

SANTOS, Carlos Nelson. **A cidade como um jogo de cartas.** 1998

TEIXEIRA, Clotildes M. A. **Informação, educação patrimonial e museus no ciberespaço:diálogos.** Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2014

YÚDICE, George. **El recurso de la cultura: usos de la cultura en la era global.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2002